

SEM CULPA DE VENCER, SEM MEDO DE SOFRER

*Para mim, não é só dar o passe perfeito, no momento certo, que muda tudo.
O que muda tudo é a busca pela superação.*

Alessandra Nascimento

(jogadora da equipe feminina brasileira de Handebol,
eleita a melhor ponta direita dos jogos de Londres)

Susana de Castro (UFRJ/PPGF)

RESUMO: o esporte de alta performance é uma das poucas atividades das sociedades contemporâneas na qual tanto espectadores quanto atletas podem xingar o adversário, desejar que lhes ocorram as piores coisas, sem se sentir culpados. O esporte é, portanto, um local especial em que a busca pela excelência não vem seguida pela exigência altruísta moral de respeito pelo outro. O que explicaria o fascínio pelos esportes seria essa possibilidade de elogiarmos sem culpa o uso da força e da coragem? Os atletas e os fãs do esporte guardam, é claro, em regra, a devida distância emocional dos acontecimentos. Sem essa distância emocional o evento esportivo deixaria de ser espetáculo e transformar-se-ia em conflito aberto

Palavras chaves: arête; fascínio; esportes competitivos; performances; belo.

ABSTRACT: the sports of high performance is one of the few activities in today's societies in which both spectators and athletes can bad mouthing ones opponent without feeling guilty about that. Professional Sports constitutes a special place where the search for excellence is not followed by an altruistic and moral demand of respect towards others. What would explain today's fascination of sports would be this possibility of experiencing 'noble' values, that is, the possibility of praising the exhibition of force and courage without feeling guilty about that? Athletes and fans keep the right emotional distance from the events. Without such emotional distance the sport event would be no more an exhibition to be an open conflict.

Key-words: arête; fascination; sports of high-performance; beauty.

Por que jogos e competições esportivas atraem tantos espectadores ao redor do globo? Uma resposta corriqueira entre intelectuais é atribuir o fascínio pelos esportes aos mecanismos mercadológicos de sedução do sistema capitalista. Dessa perspectiva, os espectadores e apreciadores dos esportes seriam, de uma maneira geral, vítimas de um modelo de relações sociais alienantes (ao invés de confrontar seus próprios problemas, 'mergulhariam' no prazer anestésico do espetáculo) ou usariam os eventos esportivos, em particular os jogos entre equipes, como válvula de escape para suas frustrações. Não creio que esse tipo de enfoque de fato explique o fenômeno do fascínio pelos esportes, porque mais refletiria uma postura distanciada, de alguém que não vê com bons olhos o compartilhamento coletivo do júbilo ou da tristeza. Na verdade, o clamor de júbilo ou de tristeza em uníssono da torcida parece significar para os incautos

críticos a ameaça da perda momentânea de suas, a duras penas conquistadas, individualidades. Penso podermos dizer que toda tentativa de explicação do fascínio despertado no público pelas disputas esportivas que parta de um distanciamento crítico não satisfará seus fãs. Para que possamos dar aos fãs dos esportes uma explicação para o fascínio que sentem, é necessário abandonarmos o paradigma crítico, isto é, abandonarmos o ponto de partida racionalista moderno que privilegia o mental sobre o emocional ou corpóreo.

Há no horizonte filosófico contemporâneo uma miríade de autores que buscam explicar os fenômenos sociais a partir de uma perspectiva não realista, ou não universalista. Em comum a todos está a convicção de que as ditas verdades científicas ou filosóficas, na verdade, não escapam à dimensão histórica da vida, são, portanto, fruto das contingências e do momento. Apesar de descartarem os universalismos positivistas, tais filósofos colocam na linguagem o papel que antes era ocupado pelas representações como lócus da verdade. Assim, não obstante o caráter não racionalista de seus estudos, estes não nos servem para explicar, por si sós, fenômenos como fascínio e júbilo coletivos. Se quisermos explicar o fascínio pelos esportes devemos buscar ferramentas conceituais que descrevam tal fascínio sem buscar necessariamente dar-lhe sentido ou ofereça-lhe interpretação. Temos que buscar descrevê-lo como *torcedores* e não como *analistas* ou *comentaristas* de esportes. Buscamos, aqui, modos de descrever o fascínio pelos fenômenos esportivos que consigam apreender de um modo sintético o que ocorre conosco quando somos invadidos pela euforia diante das belas jogadas ou das extraordinárias performances dos atletas. Faz-se necessário que não busquemos explicar os eventos esportivos para além de sua efetividade ou materialidade. Ao contrário, nosso objetivo é encontrar ferramentas teóricas que nos ajudem a descrever o momento do júbilo ou da tristeza, coletivo ou individual, com o esporte.

Seguindo Hans Gumbrecht (2007, pp. 37-41) e Roland Barthes (2009, p.98), podemos, primeiramente, explicar o fascínio pelos esportes a partir da estética, pois se tratam aqui efetivamente de acontecimentos aos quais predicamos com frequência o adjetivo ‘belo’. Ainda que o belo provoque a formulação de um juízo de gosto, portanto, aparentemente de uma opinião particular, esse tipo de juízo obedece, como mostrou Kant, a três regras principais: (i) “satisfação pura desinteressada”; (ii) “não está baseado em conceitos nem os visa”; e (iii) responde a uma “universalidade subjetiva” (*apud* Gumbrecht, 2007). No primeiro caso, quando descrevemos uma performance esportiva

como bela, isso significa que estamos em uma situação em que não estamos esperando nenhum lucro com tal performance, ou que ela tenha um efeito concreto em nossas vidas. No segundo caso, não precisamos estar municiados de conceitos para identificar um evento ou uma jogada como belos, apenas a sensação interna de prazer ou desprazer serve de base para nosso juízo de gosto. Por último, no espetáculo esportivo, assim como no artístico, estamos separados das relações hierárquicas cotidianas, por isso temos a expectativa de que todos que estejam vendo o mesmo fenômeno concordem com nossa avaliação de que se trata de um acontecimento belo. Para Kant, “a beleza é a forma da intencionalidade de um objeto, que é percebido nele sem a representação de um fim”. O que torna um objeto ou um desempenho esportivo belo é o fato de ele ser realizado sem intencionalidade exterior aos próprios movimentos, isto é, não representam em si um objetivo para a nossa vida diária, mas a harmonia intrínseca ao ordenamento dos movimentos produz uma impressão de intencionalidade (Gumbrecht, 2007, p. 40). Barthes chama de graciosidade a beleza no esporte e a associa ao estilo do atleta. Ainda que, por exemplo, o espectador de uma tourada saiba qual será o seu desfecho, nem por isso deixa de admirar a forma com a qual o toureiro introduz “ritmo na fatalidade”. O fato de a coragem do toureiro não ser desordenada, cada um de seus movimentos segue uma coreografia própria a sua arte, imprime ao espetáculo a “aparência de liberdade”. A combinação entre fatalidade e liberdade é a fórmula presente nas tragédias gregas. Tal qual nos espetáculos gregos, o espectador das touradas experimenta a possibilidade de não ser meramente um joguete do destino implacável (retornaremos ao tema ao final).

Mas a presença do belo na performance esportiva não é suficiente para que a possamos classificar como obra de arte, em sentido estrito, visto que, diferente de um espetáculo artístico, como balé ou ópera, o desempenho esportivo é irrepitível. Precisamos, assim, encontrar critérios que expliquem porque a efemeridade das jogadas e das atuações dos atletas não nos causa desinteresse, mas sim atração.

Ao tentar explicar o efeito do efêmero, da impossibilidade de repetição, esbarramos em um ponto crucial para o entendimento da atração pelos esportes competitivos e de alta performance, a saber, a ‘presença’. Gumbrecht usa este termo (2007, p. 50 e seg.) para descrever o estado de absoluta unidade entre o atleta, seu corpo e seu equipamento -- seja este um bastão, uma máquina, uma bola ou um animal --, e entre o(s) espectador(es) e o atleta. ‘Total unidade’ pode ser também descrita como absoluta concentração, sem que se queira dizer com isso que o atleta ou o espectador

estejam analisando ou interpretando o acontecimento. Ao contrário, nesses momentos especiais em que ocorrem os fenômenos únicos e não repetíveis das jogadas ou das performances extraordinárias, a condição para que elas ocorram é que os atletas estejam em um estado pré-lógico, pré-cognitivo, não distanciado, em total simbiose com os elementos materiais e corpóreos necessários para a sua atuação. Da parte do espectador há também uma espera atenta, uma espera para o surgimento do extraordinário. O espectador, torcedor ou não, que vai ao espetáculo esportivo assistir o atleta disputar um torneio certamente imagina que possa vir a ser testemunha de uma quebra de recorde, mas para que ele/ela testemunhe o extraordinário no seu exato momento de ocorrência, precisa estar ‘aberto’ para que isso aconteça. Estar aberto para que um evento extraordinário aconteça não significa estar analisando ou calculando os movimentos dos atletas, mas sim colocar-se em um estado de total comunhão com suas ações. Essa comunhão entre espectador, atleta e suas ações é o mesmo tipo de comunhão que o atleta sente com seu equipamento e as partes do seu corpo. Nem o atleta nem o espectador estão pensando, ‘refletindo’ sobre suas ações, distanciado e alheio à efetividade, ao seu entorno material. Sem essa base física e material, o extraordinário da performance atlética excelente não surgiria, mas o contrário também é verdadeiro, sem a dimensão do alcance da excelência através da atuação humana, o material não se sobressairia no meio de outros materiais. Mas é preciso sublinhar que a expectativa de atletas e espectadores é a da vitória do indivíduo sobre a resistência física imposta pelas condições de seu desafio. Assim, o corredor automobilístico não só precisa conhecer em detalhes o funcionamento de seu carro, mas também memorizar cada detalhe do percurso para saber tirar o melhor do seu carro na disputa contra o cronometro; ou, na etapa da montanha, o ciclista da Tour de France deve superar a força gravitacional que o empurra implacavelmente para baixo (Barthes, 2009).

Além da ‘beleza’ e da ‘presença na efemeridade’, o que também caracteriza a performance atlética é a ‘excelência do desempenho’. Uma das técnicas de treinamento empregadas pelo grande velocista de natação, o russo Alexander Popov, era mentalizar o tempo fora da piscina. Ele ‘calculava’, sem uso de cronômetro, o índice a ser atingido na piscina. Há outros tipos de performances cuja finalidade é a consecução de uma atividade ou ação com vistas à transformação da realidade (Gumbrecht, 2007, p. 56). O jogador e o atleta não almejam transformar a sociedade, nem mesmo o esporte; a obediência às regras próprias a cada modalidade de esporte é condição *sine qua non*

para que possamos, por exemplo, comparar os desempenhos dos atletas quando estes não ocorrem no mesmo local. Diferente de outros tipos de performances, o que caracteriza a performance esportiva nas modalidades profissionais seria, então, a busca da excelência, da *arête*.

‘Arête’ é termo grego que transposto para o latim virou ‘virtus’ e com o tempo ganhou um significado moral, oriundo do cristianismo, ausente na expressão original. ‘Arête’ era entendida pelos gregos como o exercício excelente de uma atividade na qual o indivíduo se sobressaía. Por exemplo, a *arête* de um político é o seu apurado senso de justiça, a de um citarista, a alta habilidade no manuseio do instrumento, a de um soldado, a força e a coragem no combate, e assim por diante. Não apenas nos esportes, mas em todas as práticas públicas, esperava-se que o cidadão buscasse a excelência. Para ter um parâmetro que comprovasse a excelência de sua práxis era preciso que ele se medisse sempre com indivíduos tão bons quanto ele. Um exemplo clássico é o da luta entre Heitor e Aquiles na *Ilíada*. Os dois mais bravos guerreiros, o maior herói entre os gregos e o maior entre os troianos, apesar de estarem em campos opostos, sentem que se valorizam pela oportunidade de medir suas forças entre si – lutar contra adversário inferior seria humilhante para qualquer um dos dois.

Ainda que hoje a população de uma maneira geral, pelo menos nas grandes cidades, não compartilhe dos dogmas religiosos, os valores que ainda prevalecem, como mostrado por Nietzsche na última fase da sua obra, aquela na qual se dedicou à tarefa de ‘transvaloração’ (Nietzsche: 2011; s/d), são oriundos da moral judaico-cristã. Nesse sentido, quando falamos que alguém é virtuoso estamos automaticamente elogiando o seu altruísmo. A civilização ocidental está fundada na possibilidade forjada pelo dispositivo judaico-cristão universalizado, segundo o qual o ser humano é naturalmente social, e, portanto, a sua verdadeira natureza é refletida na sua obediência a normas e preceitos. Para o filósofo alemão trata-se de uma ‘segunda’ natureza, artificial, criada com a finalidade de tornar o ser humano um animal gregário, apto à vida em sociedade (Barros, 2002, p.86). Essa ficção universalista rechaça a verdadeira natureza animal do ser humano, tornando-o um animal domesticado, não ativo, e enfraquecido. Aquele que segue em primeiro lugar os seus instintos é tachado de egoísta e imoral. Esse estado artificial de segunda natureza social ‘adoeceria’ o homem, já que não poderia seguir sua natureza instintual.

Minha hipótese é que dificilmente podemos viver em sociedade sem ceder a essa ficção normativa, mas nem por isso deixamos de procurar criar espaços nos quais

possamos dar vazão aos nossos instintos. Um desses lugares são os esportes de alta performance. Seja como praticante, seja como espectador, buscamos através dos esportes os acontecimentos extraordinários, aqueles nos quais há superação, disputa, adrenalina, tensão. Os valores que estão presentes aqui estão mais próximos da noção grega de *arête*. Na disputa só há um vencedor, mas muitas vezes até o perdedor, pode provocar a comoção e o estado de elevação emocional coletiva. O Brasil inteiro chorou a derrota, na Copa do Mundo de Futebol de 1950 no Maracanã, da seleção brasileira para a equipe do Uruguai. O que ficou na lembrança sobre esse dia não foi a performance do time vitorioso, mas sim nossa derrota. Por outro lado, a medalha de ouro da seleção feminina de vôlei na última olimpíada, a de Londres, foi especialmente comemorada. A equipe chegou à final desacreditada, apesar da inspirada vitória no *tie-break* contra a fortíssima seleção russa. Ninguém imaginava que a seleção feminina pudesse ganhar do selecionado americano, considerado o melhor do torneio. Para a surpresa das próprias jogadoras, a vitória ocorreu. Não foi porque as americanas jogaram mal que as brasileiras ganharam, as brasileiras ganharam porque não deixaram o time americano jogar o seu jogo.

Apesar de mobilizar as paixões de todos os envolvidos, atletas e torcedores dos esportes guardam, é claro, a devida distância emocional dos acontecimentos esportivos; não levam tudo para o lado pessoal¹. Sem essa distância emocional o evento esportivo deixaria de ser um espetáculo e passaria a ser um conflito aberto (Barthes, 2009, p. 104). No campo e nas quadras dos esportes coletivos o que contribui para a distância emocional necessária dos jogadores com relação aos acontecimentos do jogo é a presença de um elemento intermediário que faz com que as equipes não entrem em confronto direto: a bola em seus diferentes formatos, oval, redonda, disco, e diferentes materiais, de couro, borracha, fibra acrílica. Além, é claro, da obediência a regras, da presença dos juízes, do recurso aos cartões e às suspensões etc.

Ninguém busca resolver na quadra um assunto pessoal, mas não obstante isso, no calor do jogo e da disputa, todas as provocações e xingamentos são válidos, permitidos até como formas de aliviar a tensão insuportável. São memoráveis as constantes provocações das equipes cubanas e brasileiras de vôlei feminino quando suas jogadoras se encontravam na rede. E quem não se lembra da cabeçada de Zidane em

¹ Deixei propositadamente de lado a discussão sobre a violência nos estádios, a atuação das torcidas organizadas e as batalhas campais nas arquibancadas. Esse fenômeno necessitaria de outro tipo de análise, talvez mais sociológica ou histórica do que filosófica.

Materazzi? Um verdadeiro ‘touro’ em ação! No caso de Zidane, entretanto, a distancia foi rompida e o que antes era uma disputa entre dois jogadores de seleções adversárias, passou a ser a disputa de dois homens pela honra da irmã de um deles. Só podia acabar mal, pois apesar do calor da disputa levar a provocações entre equipes, é necessário manter a mente tranquila, e, conseqüentemente, as emoções sob controle, para aproveitar os erros dos adversários ou aprimorar o desempenho. Nos esportes individuais essa tranquilidade mental faz-se ainda mais necessária, como o demonstram as performances dos jogadores de tênis, dos nadadores, ou dos pilotos de Fórmula 1.

Na busca por critérios que descrevessem o fenômeno do fascínio pelos esportes a partir da perspectiva do torcedor e do atleta, e não do comentarista, nos deparamos com três conceitos. Os esportes de alta performance nos fascinam porque são belos, porque captam a presença na efemeridade e finalmente porque mostram a excelência do desempenho. Neste percurso esbarramos na noção grega de *arête* e mostramos como o esporte resgata um modelo de existência anterior ao domínio dos valores judaico-cristãos. Aqui, sobrepor-se ao outro não é motivo de culpa, mas razão de existência. Para finalizar, gostaria de retomar a aproximação feita por Barthes entre esporte e tragédia.

Quando analisa a performance de um toureiro, Barthes diz que o espectador fica fascinado com a atuação do toureiro porque este imprime às suas ações a aparência de liberdade. Desde a perspectiva trágica, a aparência de liberdade significa o fato de o herói (no qual o espectador se projeta) ter conhecimento da impossibilidade de contornar seu destino inexorável, a morte, e, no entanto, fornecer a suas ações o brilho, a aparência de ‘liberdade’, isto é, de possibilidade de assenhorear-se da morte. Assim, o espectador sente júbilo (catarse) com o espetáculo esportivo porque vê no atleta/herói o vencedor, ainda que aparente, efêmero e ilusório, de uma partida em que, na verdade, nunca venceremos.

O heroísmo do atleta está também na sua capacidade de enfrentar a dor e o sofrimento como condição para o júbilo da vitória. Mas mesmo o amargor da derrota não é um xingamento contra a vida. Ao contrário dos defensores do modelo ‘viagra-prozac’ de vida – tão presente no *american way of life* difundido pela indústria de massa –, a tristeza e melancolia são constitutivas da vida. Os *happy-ends* das indústrias cinematográficas e de propaganda ‘vendem’ a ideia de que por vivermos em uma sociedade democrática, devemos ser obrigatoriamente felizes, pois vivemos em uma comunidade colaborativa de iguais, protegidos pelas instituições que garantem nosso

bem estar social, isto é, nossa dose certa de lazer, trabalho e saúde: “Sociedades modernas e igualitárias, no entanto, sejam de posicionamento político democrático ou autoritário, baseiam-se sempre na premissa de que estão tornando a vida mais feliz.” (Warshow, 2012, p.109). Esta ideologia do bem estar das sociedades contemporâneas, nomeada por Michel Foucault de ‘bio poder’ (1985), está presente hoje na forma com a qual governos e indústria fazem campanha a favor da prática de esportes como sinônimo de saúde.

Apesar de a prática esportiva estar associada, de fato, a hábitos saudáveis, todos sabemos que os esportes de alta performance cobram um preço alto aos atletas. Para atingir o ápice de suas carreiras, atletas fora de série como Cassius Clay, *alias* Muhammad Ali, e Ayrton Senna, pagaram preço altíssimo. O primeiro, com a saúde, e o segundo, com a vida. Outros, como Garrincha e João do Pulo amargaram o ostracismo pós-auge e pós-pódio.

Referências:

- BARTHES, Roland. “O que é o esporte?”. In: *Serrote*. São Paulo: IMS, 2009. Vol. 3. pp. 94-105.
- BARROS, Fernando de Moraes. *A maldição transvalorada – o problema da civilização em O Anticristo de Nietzsche*. São Paulo: discurso editorial, Unijui, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I. A vontade de Saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- GUMBRECHT, Hans U. *Elogio da beleza atlética*. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, F. *Assim Falou Zaratustra*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. *Anti-Cristo*. Trad. Carlos Grifo. Lisboa: Editorial Presença, s/d.
- WARSHOW, Robert. “O gângster como herói trágico”. In: *Serrote*. São Paulo: IMS, 2012. Vol. 3. pp. 108-115.